

Mónica e o Tesouro



Olá amigos.

Foi num dia de Verão mais quente que o de hoje que a minha amiga Mónica foi, com os pais e o irmão, fazer um piquenique a Valverde perto de Évora. Foi lá que lhe contei a lenda do castelo do Giraldo e adivinhem o que aconteceu...

...Isso mesmo! À noite, a rapariga sonhou com aquele tesouro e com o que poderia fazer se o encontrasse. Vocês o que fariam se achassem um tesouro?

Mas, mais do que uma noite, Mónica sonhou com o tesouro três noites seguidas. Quando acordou, após a terceira noite, estava eufórica pois sabia que quem sonhasse com o tesouro três noites seguidas o podia ir buscar. O problema era que não tinha como lá ir sozinha.

Durante o pequeno-almoço não falou com ninguém até dar um grito quando teve uma ideia:

— Vamos a Valverde!

— Ainda no outro dia... — ia começar a reclamar o irmão que rapidamente levou um pontapé por baixo da mesa, percebendo que a irmã estava com alguma das suas ideias.

— E foi um dia espectacular, não foi mano?

Ainda sem saber onde a irmã queria chegar com a conversa, Nuno limitou-se a concordar.

— Temos outros sítios que podemos visitar — disse a mãe —, mas se querem assim tanto posso preparar umas sandes para o nosso almoço.

— Não! — Mónica controlou-se para não falar demasiado alto. — Temos que ir de noite.

O pai, que estava cada vez mais perplexo com a conversa, disse:

— De noite não há nada que se veja lá.

— Vamos acampar! — Esclareceu a Mónica. — Não são vocês que se estão sempre a queixar que há anos que não o fazem?

— Realmente...

Sem saber muito bem como, Mónica convenceu a família a ir passar a noite ao castelo do Giraldo, ou no que restava dele!

Enquanto arrumavam as mochilas o irmão tentava perceber o que estaria Mónica a preparar.

Passaram uma tarde espectacular a jogar e a contar histórias; os pais estavam admirados de ainda não ter havido nenhuma discussão e de a Mónica estar tão animada.

— Que bom que tiveste esta ideia — disse a mãe já de noite.

Mónica olhou para o relógio e respondeu:

— Pois foi! Agora estou tão cansada que vou para a tenda. Por favor não façam barulho.

— Bem, nesse caso é melhor irmos todos descansar — concluiu o pai. — Boa noite!

— Boa noite! — Responderam os irmãos.

Mónica não pregou olho e, à meia-noite em ponto, pegou no saco com milho que tinha escondido na sua bolsa e saiu da tenda pé ante pé.

Começou a subir o monte à sua frente e a espalhar o milho. Não vale a pena perguntarem-lhe porque vai negar mas, lá no fundo, estava a tremer de medo. No entanto, como sempre, a curiosidade da Mónica ganhou ao receio.

Conta a lenda que para encontrar o tesouro a pessoa tem que deixar o milho pelo caminho, desta forma vai aparecer um galo preto a comer o milho. Se o galo comer tudo mais depressa do que a pessoa encontrar o tesouro, esta fica lá presa.

A meio da subida viu um vulto, só podia ser o galo preto; começou então a correr cada vez mais depressa pois não queria lá ficar para sempre.

Assim que viu a pedra que tapava a mina saltou para trás desta mas, ao fazê-lo, tropeçou e a pedra rebolou.

Após a queda, rapidamente se levantou e pegou na lanterna; sabia que estava num buraco, só podia ser a mina. Mas, com a queda, a lanterna deixou de funcionar.

— Não preciso da lanterna! — Disse alto para si própria para ganhar coragem. — Consigo encontrar o tesouro às escuras, é com certeza bem grande e reluzente.

Após tactear tudo à sua volta sem encontrar nada olhou para cima e também não viu nada, só uma grande escuridão. A pedra devia estar a tapar a entrada.

— O galo comeu o milho todo — o seu tom de voz era, agora, mais baixo tal como a sua confiança —, vou ficar aqui presa.

Quando viu a irmã esgueirar-se pela tenda, o Nuno espreitou para ver o que estava ela a fazer lá fora. Conhecia Mónica suficientemente bem para saber que todo aquele interesse no local não vinha do nada.

De longe foi seguindo a irmã sem que esta se apercebesse até que ouviu um grande trambolhão.

— Desastrada — sussurrou com um sorriso.

Já ao pé da Mónica, acendeu a sua lanterna pois naquela noite quase não havia luar e as nuvens também não ajudavam. Aproximou-se, assim, da pedra onde vira a irmã tropeçar.

Após dois minutos, que à Mónica parecerem bem mais que duas horas, apercebeu-se de uma luz a apontar para ela e, devagar, olhou para cima.

— Deixa-me! — A voz falhava-lhe.

— Vais aí dormir hoje? — Troçou o irmão.

— Nuno???

— Quem querias que fosse? O grande Geraldo Geraldes?

— Não, o galo!

— Só se for o que fizeste ao cair, estou a ver que bateste com força. — Nuno estendeu a mão à irmã. — Anda, vamos lá ver essa cabeça.

Mónica levou a mão à cabeça e, olhando à volta agora com luz, percebeu que não havia nenhum tesouro naquele buraco tão pequeno.

— Não é nada — fez um sorriso amarelo —, vamos embora.

Mas afinal onde vinhas a espalhar o milho? — Perguntou Nuno quando regressavam à tenda — Procuravas alguma casa feita de doces como Hansel e Gretel?

Conhecem a história da casinha de chocolate? Se não, peçam aos vossos pais que vos contem.

— Era um bom tesouro esse... — Mónica parecia falar sozinha.

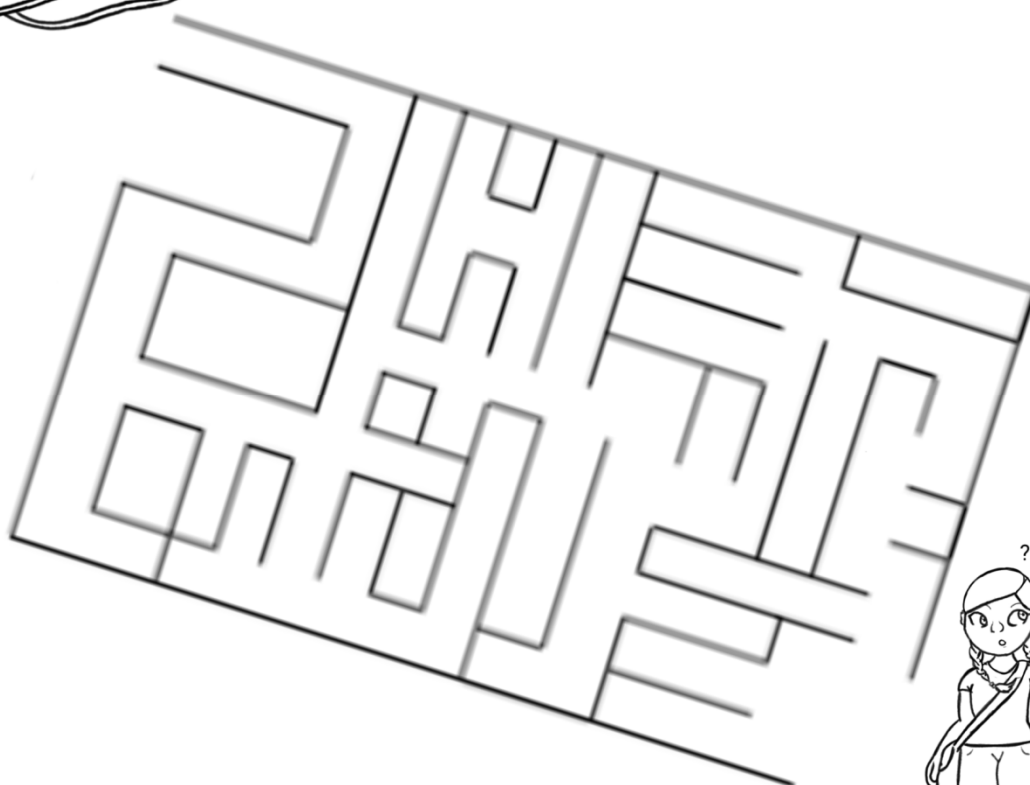
— Qual tesouro?

— Não conseguia dormir — desculpou-se Mónica —, o milho era para alguma ave que tivesse fome, só isso.

O irmão sabia que havia mais história ali mas que não valia a pena insistir.

Quando finalmente adormeceu, Mónica sonhou com uma grande casa de chocolate.

Quando caiu no buraco a Mónica perdeu o chapéu. Ajuda-a a encontrá-lo



Até breve.